**Dr. David Turner, Matthew   
Aula 9A – Mateus 19-20: Aproximando-se de Jerusalém**

Saudações a todos. Aqui é David Turner, e esta é a Aula 9A da nossa aula de Mateus, onde vemos nosso Senhor Jesus se aproximando de Jerusalém. Ele deixou a Galileia e agora está se dirigindo para a Cidade Santa.

De fato, estamos com pouco tempo nesta palestra, pois há muito a ser abordado, então vamos direto ao ponto. Primeiramente, precisamos apresentar o bloco narrativo entre o quarto e o quinto discursos de Mateus, o discurso sobre os valores do reino no capítulo 18 e o discurso escatológico de Mateus 24 e 25. Este bloco narrativo começa com a jornada de Jesus para o sul, da Galileia, até a Judeia, além do Jordão, 19:1. Depois de algum tempo, Jesus atravessa o rio até Jericó, no profundo vale do Rift, 20:29, e então avança para o oeste, subindo as colinas em direção a Jerusalém, até Betfagé e o Monte das Oliveiras, 20:17 e 20:11. Após os devidos preparativos, Jesus entra na cidade, 21:10, tem um confronto com os líderes do templo e parte para passar a noite em Betânia, 21:17. Na manhã seguinte, Ele retorna à cidade, às 21h18, e entra novamente no templo, às 21h23. Lá, Ele se envolve em uma série de disputas acaloradas com vários líderes judeus.

Essas disputas culminam nos sete artigos de ais de Mateus 23, após os quais Jesus deixa o templo em direção ao Monte das Oliveiras, 24:1-3, e aí temos o cenário para o quinto e último discurso, 24 e 25. Em tudo isso, a história de Mateus é muito semelhante à encontrada em Marcos, com algumas diferenças significativas. O material em Mateus 19-23 dá continuidade a temas básicos como Jesus, o curador, a oposição dos líderes judeus, o ensinamento dos discípulos e, principalmente, o movimento de Jesus cada vez mais próximo de Seu sofrimento em Jerusalém.

Mas, embora os temas sejam familiares, o conteúdo é organizado de forma mais temática do que no último bloco narrativo. Há comparativamente menos ênfase na cura e nas previsões sobre a paixão. A maior parte do material é dedicada a Jesus ensinando Seus discípulos, de 19:10 a 20:28, e também a Ele confrontando os líderes religiosos de Jerusalém, é claro, em 21:12-23:39. O material voltado para o discípulo em 19 e 20 é, na verdade, uma continuação dos temas encontrados no quarto discurso de Mateus 18 sobre os valores da comunidade do reino.

No material que abrange o discurso de Jesus no templo, o confronto de Jesus com os líderes judeus, uma situação ruim, vai de pior a pior, pior em 21 e 22 do que antes, e pior em 23. A estrutura da passagem diante de nós no início desta seção, Mateus 19:1-15. 19:1-15 começa com uma transição e introdução que desencadeia o bloco narrativo iniciado aqui a partir do discurso de Mateus 18. Este bloco narrativo começa com uma controvérsia iniciada pelos fariseus a respeito da legalidade do divórcio em 19 :3-9. As restrições de Jesus contra o divórcio são a ocasião para a observação cansada dos discípulos sobre a superioridade da vida de solteiro, e Jesus responde a isso também em 19:10-12. Nesse ponto, as crianças entram em cena e, contra a vontade dos discípulos, Jesus as afirma e as abençoa.

Portanto, há três unidades nesta seção, com o debate inicial com os fariseus levando a duas discussões nas quais Jesus corrige as visões dos discípulos sobre casamento e filhos, respectivamente. Ao longo da seção, o tema central são as quatro respostas de Jesus, a primeira dada aos fariseus, 19:4 e 19:8, e a segunda aos discípulos, em 19:11 e 19:14. A disputa de Jesus com os fariseus sobre a permanência do casamento e a indesejabilidade do divórcio leva naturalmente às discussões sobre a vida de solteiro e filhos com seus discípulos. Bem, o que Jesus tem a dizer sobre o casamento aqui? A permanência e a normatividade do casamento são os pontos principais desta passagem.

A citação de Gênesis 1 e 2 feita por Jesus explicita esse ponto, e sua depreciação do divórcio como consequência do pecado o corrobora ainda mais. Sua explicação da solteirice celibatária como um estilo de vida apropriado apenas para um número relativamente pequeno de pessoas especialmente dotadas honra implicitamente o casamento como a norma para a maioria das pessoas. Da mesma forma, sua afirmação dos filhos que resultam do casamento dá apoio implícito à própria instituição do casamento.

Em nossos dias, assim como nos dias de Jesus, o divórcio ocorre com muita frequência. A vida de solteiro é frequentemente exaltada em detrimento do casamento como um estilo de vida mais gratificante, e os filhos são frequentemente depreciados como um empecilho para a carreira. Mas Jesus defende veementemente o casamento como o padrão divino para o seu povo, um padrão ao qual todos, exceto aqueles especialmente dotados, devem aspirar.

Este padrão só pode ser abandonado por meio do divórcio legal após ter sido quebrado pela infidelidade sexual. As obrigações deste padrão são preferíveis à aparente liberdade da vida de solteiro, exceto em casos de dotação divina especial. Os descendentes deste padrão devem ser afirmados e abençoados.

Em certo sentido, o casamento pode ser visto em termos do ensinamento de Jesus sobre tomar a própria cruz e negar a si mesmo, 16:25. Divórcio, solteirice e ausência de filhos podem parecer o caminho para o sucesso e a realização, mas, no final, a vida aparentemente despreocupada será uma vida solitária e perdida. O casamento e a criação dos filhos podem parecer uma vida penosa, mas, no final, ser casado e ter filhos provará ser a vida mais rica possível, porque é a vida segundo o padrão do Criador para suas criaturas.

No mundo decaído atual, os relacionamentos ideais envolvidos no padrão criado não são fáceis de alcançar, mas a inauguração do poder do reino capacita os discípulos a viver em grande medida de acordo com o padrão criado. Muitos seguidores genuínos de Jesus falharam em uma ou mais dessas áreas, e a Igreja deve estender a mão àqueles que falharam e restaurá-los à obediência e à comunhão. No entanto, é melhor evitar o pecado do que ser perdoado dele.

A prevenção é melhor do que a cura. Agora, passamos a discutir a visão de Jesus sobre divórcio e novo casamento. É provável que a pergunta dos fariseus em 1903 fosse direcionada à compreensão de Jesus sobre Deuteronômio 24:1-4.

Em seu contexto original, esta passagem proíbe uma mulher que se casou novamente e se divorciou de dois homens diferentes de se casar novamente com seu primeiro marido. Deuteronômio 24, portanto, não é um mandamento divino para o divórcio, mas apenas uma concessão devido à dureza de coração. Jesus interpreta as implicações originais do casamento em Gênesis 2:24 como uma só carne, exigindo permanência.

Ele, de fato, permitirá o divórcio apenas em caso de imoralidade sexual, o que rompe o caráter de uma só carne da união. Exceto em casos de infidelidade, o divórcio leva ao adultério. A linguagem aqui pressupõe, como no Antigo Testamento, que um homem poderia se divorciar de sua esposa, mas uma esposa não poderia se divorciar de seu marido.

No entanto, uma esposa poderia recorrer aos anciãos da comunidade para reparação de queixas, como fica claro na Mishná, na seção Ketuvot. Mateus 19:9, compare com 5:32, tem sido compreendido de diversas maneiras, e suas dificuldades exegéticas são agravadas por problemas textuais. Consulte o comentário textual de Metzger para obter ajuda sobre isso.

Uma dificuldade reside no significado da palavra pornea, que tem sido entendida de diversas maneiras como infidelidade conjugal, infidelidade pré-marital, como em 1:19, ou incesto, como em Levítico 18 e 1 Coríntios 5:1. Em suma, a abordagem da Nova Tradução Viva, por exemplo, parece a melhor, pois o contexto não restringe o sentido geral de pornea de forma específica. Outra grande dificuldade reside no escopo da cláusula de exceção, a menos que sua esposa tenha sido infiel.

A questão é se esta cláusula permite tanto o divórcio quanto o novo casamento em caso de infidelidade, ou apenas o divórcio. A maioria dos estudiosos protestantes adota a primeira visão, mas há exceções notáveis. Aqueles que adotam a segunda visão tendem a considerar 19:11 e 12 como se referindo especificamente ao celibato exigido daqueles que se divorciaram.

Parece que esta questão não pode ser resolvida por argumentos gramaticais, mas a visão de que tanto o divórcio quanto o novo casamento são permitidos em caso de infidelidade parece a melhor. A liberdade de se casar novamente é a essência do divórcio; de outra forma, parece não ter sentido. Além disso, parece arbitrário pensar que pessoas divorciadas recebem universalmente o dom do celibato.

Em vez disso, indivíduos arrependidos que se divorciaram por infidelidade deveriam ter a liberdade de acertar na segunda vez. Para uma discussão especialmente útil das muitas dificuldades exegéticas aqui e uma referência à literatura acadêmica, veja o comentário de Carson. Os discípulos de Jesus são, no pensamento de Paulo, uma nova criação em Cristo, de acordo com 2 Coríntios 5:17, Efésios 2:11 e outras passagens.

Participar do reino de Cristo equivale a ser uma nova humanidade cuja identidade e relacionamentos são extraídos da identidade e dos relacionamentos da humanidade antes da Queda. Da mesma forma, quando Jesus diz que o divórcio não era a intenção original de Deus nesta passagem, ele implicitamente diz aos seus discípulos que a identidade deles é recapitular a identidade dos relacionamentos da humanidade antes da Queda, quando corações endurecidos começam a perverter a intenção de Deus. Os discípulos de Jesus anseiam pelo tempo em que o mundo será renovado, de acordo com Mateus 19:28, mas também anseiam que a vontade de Deus seja feita na Terra como no céu, 6:10.

Sob essa luz, a permanência do casamento deve ser uma questão natural na comunidade cristã, um aspecto de sua vida presente que reflete e antecipa a justiça que virá com o reino de Deus na Terra. Se Moisés não ordenou o divórcio, certamente Jesus também não o fez. Mesmo em casos de infidelidade conjugal, o divórcio não deve ser a primeira, muito menos a única opção.

As feridas reconhecidamente profundas causadas pela infidelidade conjugal não são suscetíveis de cura pelo amor de Deus? Casais que contemplam o divórcio, mesmo em casos de infidelidade, não deveriam ser levados a considerar as implicações de Mateus 18-21 e seguintes? O perdão deve ser prestado em todas as situações, incluindo esta, e tal perdão pode frequentemente levar a um relacionamento restaurado e a um testemunho renovado do poder da mensagem do reino de Jesus. Se Deus odiava o divórcio sob a antiga aliança, Malaquias 2:14-16, quanto mais agora que o reino amanheceu? Agora, passemos à conhecida perícope de Jesus no episódio do Jovem Rico. O episódio do Jovem Rico é um dos textos do evangelho frequentemente vistos como instrutivos para aqueles que fazem evangelismo pessoal, juntamente com passagens como João 4, onde Jesus encontra a mulher no poço.

Mas esta passagem pode ser mal interpretada. Ao enfatizar a segunda tábua da lei, Jesus não estava ensinando um caminho de salvação pela observância mecânica dos mandamentos. O uso que Jesus faz do termo "perfeito" em 19:21 não implica uma noção de dois níveis de discipulado.

Jesus está simplesmente respondendo à pergunta do jovem, mostrando-lhe gradualmente a raiz do seu problema: a cobiça. Jesus começa mudando o foco da preocupação consigo mesmo para a preocupação com Deus. Em vez de se preocupar com boas ações, o homem deveria se ocupar com a bondade de Deus (19:16 e 17).

Talvez o homem estivesse pedindo a Jesus que lhe atribuísse uma boa ação que lhe trouxesse a vida eterna que almejava. Quando Jesus o direciona para os mandamentos, ele parece confuso quanto a quais mandamentos são relevantes. Quando Jesus cita a segunda tábua, ele afirma ter guardado os mandamentos, mas ainda lhe falta algo.

Neste ponto, Jesus chega ao cerne da questão ao ordenar ao homem que dê seus bens aos pobres e se torne um discípulo, o que lhe trará um tesouro celestial. Em certo sentido, Jesus pede ao homem que repita um papel previamente descrito em duas parábolas, 13:44 a 46. Jesus não exige esmola, mas exige tudo, comentam Davies e Allison corretamente.

O homem perderá tudo, mas ganhará Jesus no reino. É isso que lhe faltou o tempo todo. Mas sua triste partida deixa claro que ele não guardou todos os mandamentos, pois não amou o próximo como a si mesmo, 19:19.

Jesus não cita o décimo mandamento, "Não cobiçarás", veja Êxodo 20:17, mas a resposta do homem mostra claramente que ele também havia quebrado esse mandamento. Jesus levou o homem ao ponto em que ele reconheceu o que lhe faltava por se recusar a obedecer a Jesus. Sua riqueza se tornou um Deus que tem prioridade sobre o Deus verdadeiro, o que viola o primeiro mandamento, Êxodo 20, versículos 2 e 3. Assim, a recusa do governante em fazer uma boa ação, despojar-se de suas riquezas e seguir Jesus demonstra que ele não reconheceu a bondade de Deus em sua vida.

Ele serve ao dinheiro, portanto não pode servir a Deus, 6:24. Seu materialismo o impede de buscar o reino em primeiro lugar, 6:33. Mas sua tristeza indica não apenas que ele não está pronto para seguir Jesus, mas também que agora ele sabe o que lhe falta, e talvez não seja exagero esperar que ele finalmente tenha seguido as instruções de Jesus, já que com Deus tudo é possível.

Jesus no reino. É digno de nota que, neste contexto, cinco termos são usados de forma muito semelhante. Em 19:24, Jesus fala do reino de Deus em conjunto com seu termo mais característico, o reino dos céus, em 19:23.

Isto é em resposta à pergunta do jovem sobre herdar a vida eterna, 19:16 e 29. Jesus descreve ainda o mesmo conceito como sendo perfeito em 19:21, e os discípulos o chamam de ser salvo em 19:25. Duas conclusões podem ser tiradas dessa interação semântica.

Primeiro, como já é evidente em comparações sinóticas como Mateus 13:31 e 32, Marcos 4:30 a 32 e Lucas 13:18 e 19, não há diferença real entre o reino de Deus e o reino dos céus em Mateus. Em vez disso, o termo reino de Deus é ocasionalmente usado por sutis razões literárias e contextuais para descrever o mesmo referente que o termo mais comum, reino dos céus. Segundo, embora a linguagem aqui sobre herdar a vida eterna e entrar no reino possa implicar que o reino é futuro, a linguagem sobre ser perfeito e ser salvo implica que o reino pode ser verdadeiramente, se não totalmente, experimentado na vida presente.

O reino de Deus é presente e futuro, e aqueles que não reconhecem ambos os seus aspectos truncam as riquezas da verdade bíblica e da bênção espiritual. A descrição do reino futuro em termos das doze tribos de Israel parece, à primeira vista, justificar a crença na conversão escatológica da nação de Israel à fé em Jesus como Messias. Isso estaria em consonância com a ênfase geral de Mateus no cumprimento das Escrituras, preeminentemente por meio das palavras e ações de Jesus, o Messias.

Os seguidores de Jesus, o mestre supremo da Torá, constituem Israel dentro de Israel, o remanescente escatológico. No final, eles julgarão ou governarão a nação como um todo. No entanto, de alguma forma, certos comentaristas veem essa linguagem como uma indicação de que a igreja gentia, que substitui Israel, governará as nações como um todo.

Um dos problemas dessa visão é que ela dissolve a distinção feita por Jesus entre o governo dos discípulos sobre Israel em 19:28 e a recompensa de todos os que se sacrificam para segui-Lo em 19:29. Se a Igreja suplantasse Israel, essa distinção não teria sentido. Agora, um resumo e uma transição para o capítulo 20.

O fluxo de Mateus 19, na verdade, se estende até 2016, visto que a parábola dos trabalhadores, na primeira parte do capítulo 20, é a conclusão da resposta de Jesus à pergunta de Pedro, em 1927, sobre as recompensas. E é significativo que, imediatamente após essa resposta, venha a terceira predição de Jesus sobre a paixão, que novamente enfatiza a proximidade geográfica de Jerusalém, nos versículos 17 a 19. Após outra resposta a outra pergunta sobre recompensas, em 20:20, ocorre a entrada triunfal em Jerusalém, e a Semana Santa tem início.

Dessa forma, o movimento geográfico de Mateus 19:1 marca o início do fim do ministério terreno de Jesus. Agora, em Mateus 20, queremos tratar primeiro da interpretação da parábola dos trabalhadores da vinha. Se uma parábola é, como diz o velho ditado, uma história terrena com um significado celestial, então nos perguntamos sobre a contrapartida celestial dos terráqueos descritos aqui.

A maioria concordaria que a vinha representa Israel (Isaías 5:1-7, Jeremias 12:10, Mateus 21:28 e 33). E que o proprietário da terra aqui representa Deus, que está soberana e graciosamente concedendo recompensas aos seus servos. A colheita fala de julgamento escatológico (veja 13:39).

Além disso, a identificação do primeiro e do maior com o último e do menor é mais controversa. Talvez os primeiros representem Pedro e os discípulos, dada a pergunta de Pedro em 19:27. Se assim for, Pedro e os discípulos são advertidos a não se apropriarem da graça de Deus só porque se sacrificaram para servir em seu reino.

Eles serão recompensados de forma justa por seu serviço rigoroso, mas não devem reclamar se outros, que parecem ter se sacrificado menos, receberem uma recompensa tão grande quanto a deles. Em todos os casos, a generosidade de Deus supera em muito as expectativas humanas, e não devemos ficar do lado daqueles que fazem a pergunta de 20:12 . Os servos não podem reclamar se receberem uma recompensa adequada por seu trabalho.

No reino, os padrões humanos de mérito são substituídos pela generosidade divina. Esta parece ser uma explicação fiel dos detalhes da parábola em seu contexto imediato, mas há outras interpretações. Há várias abordagens para a inversão descrita no ditado crucial entre parênteses em 19:30 e 20:16.

Alguns interpretam isso como uma reversão social na qual, no juízo final, os pobres enriquecerão e os ricos empobrecerão. Mateus, de fato, fala dessa reversão nas Bem-Aventuranças, capítulo 5, versículo 3. Alguns a interpretariam como uma reversão religiosa na qual os cobradores de impostos e pecadores que entram no reino por último são preferidos por Deus aos líderes religiosos judeus. Este também é um tema-chave de Mateus, Mateus 9:11-13, 11:19 e 21:31.

Uma terceira abordagem para a reversão é que se trata de uma reversão histórica redentora, visto que, no plano de Deus, os gentios, em vez dos judeus, ganharão destaque. Mateus indica em muitos lugares que, surpreendentemente, muitos judeus rejeitam o reino e muitos gentios o recebem. Esta pode muito bem ser a visão mais proeminente ao longo da história da igreja.

Outros a interpretam como uma reversão eclesiástica, na qual aqueles entre os discípulos que desejam ser proeminentes serão humilhados, mas aqueles que são humildes serão considerados verdadeiramente grandes. Pelo menos dois importantes textos mateanos também sublinham esse ponto-chave: o capítulo 18, versículos 1-4 e 20:25-28. Outros a interpretam, de forma muito geral, como uma reversão antropológica, na qual, na consumação, a graça soberana de Deus humilhará os orgulhosos e exaltará os humildes.

Embora isso seja verdade, Mateus parece mais preocupado com a comunidade dos discípulos do que com a humanidade em geral. O problema com todas essas abordagens acima para a inversão é que elas não são apoiadas especificamente pelo contexto imediato, que aborda a parábola como um aviso a Pedro e aos discípulos para que não presumissem da graça e das recompensas de Deus. São eles que correm o risco de reclamar contra Deus quando outros que entram no reino mais tarde são recompensados.

Eles devem aceitar qualquer recompensa que Deus graciosamente lhes der e não devem se comparar com os outros. Assim, a parábola do proprietário de terras antecipa o problema dos filhos de Zebedeu, que buscam ambiciosamente as maiores recompensas no reino futuro (capítulo 20, versículos 20 e seguintes). Agora, a predição de Jesus sobre sua morte em Mateus 20, versículos 17-28.

Mateus 20, versículos 17-28, narra a terceira e mais completa predição da paixão de Jesus, versículos 17-19, seguida por um episódio que enfatiza a ambição dos discípulos nos versículos 20-28. Nesta passagem, Mateus contrasta a humildade e o sofrimento de Jesus com o orgulho e o desejo de glória dos discípulos. A estrutura de Mateus 20 :17-19 contém os principais elementos das duas predições anteriores da paixão: traição, morte e ressurreição.

Há também elementos singulares. A estrutura da segunda parte da passagem envolve um diálogo que se transforma em ocasião de ensino, o diálogo em 20-23, o ensino em 24-28. Primeiro, Jesus responde a um pedido da mãe dos filhos de Zebedeu nos versículos 20-23.

Quando os demais discípulos souberam do pedido, sua ira se tornou mais uma oportunidade para Jesus ensinar seus discípulos sobre a genuína grandeza em seu reino. Esse ensinamento assume a forma de duas declarações paralelas sobre a grandeza mundana, 20:25, em antítese às duas declarações paralelas sobre a grandeza do reino, 20:26 e 27. A verdadeira grandeza envolve seguir os passos de Jesus no caminho do serviço sacrificial, 20:28.

Nesta passagem, o leitor é influenciado a reagir com simpatia a Jesus e antipatia aos discípulos. A ignorância, a falsa confiança e o orgulho deles contrastam com o conhecimento, a resignação à vontade do Pai e a humildade de Jesus. Observe também aqui as previsões de Jesus sobre a paixão.

Esta é de fato a terceira, e vocês têm à sua frente, nos materiais suplementares da página 36, um gráfico que compara essas três previsões. Poderíamos dedicar algum tempo a essa previsão, a essas comparações, mas, devido à falta de tempo aqui nesta palestra, peço que examinem o gráfico da página 36 e observem algumas das semelhanças ali, as constantes que permanecem verdadeiras em todas as três, mas também como esta previsão final fornece alguns detalhes importantes que não foram mencionados anteriormente. Agora, observem como a previsão da paixão de Jesus apresenta um cenário bastante melodramático para a ambição dos discípulos.

Mateus 20:28 é um estudo notável sobre a definição de grandeza autêntica. Desde a queda da humanidade, a grandeza tem sido definida em termos de prestígio, poder e glória. Jesus faz alusão a essa situação em 20:25 e imediatamente a repudia em 20:26.

Sua definição de grandeza em termos de serviço inverte o modelo do mundo. Seus discípulos devem seguir seu exemplo de serviço sacrificial e sofrido, até a morte. Paulo compreendeu claramente essa definição radicalmente alterada de grandeza, de acordo com 2 Coríntios 4:5, 10:1, 12:9 e 10, e Filipenses 2:3 e seguintes.

Não há nada melhor do que refletir sobre estas palavras de Jesus, extraídas do relato de Lucas sobre a Última Ceia. Quem é maior: aquele que está à mesa ou aquele que serve? Eu estou entre vocês como aquele que serve, Lucas 22:27 . O relato de João sobre a explicação de Jesus sobre o ato de lavar os pés dos discípulos também é altamente relevante aqui, João 13:12-17.

Jesus já falou três vezes sobre seus sofrimentos vindouros em Jerusalém, mas, inexplicavelmente, seus discípulos se esqueceram da tristeza anterior com essa perspectiva. É instrutivo comparar o pedido egoísta da mãe dos filhos de Zebedeu com o pedido altruísta da mulher cananeia por sua filha em 1521-1528. Seria de se esperar que a mãe dos dois discípulos de Jesus tivesse mais discernimento espiritual do que a mulher cananeia, mas, infelizmente, não foi o caso.

Os discípulos estão preocupados com a própria glória em vez de se preocuparem com o sofrimento do Senhor. Mais tarde, Pedro e os próprios discípulos que desejavam sentar-se à direita e à esquerda de Jesus no reino, dormem enquanto ele agoniza no Jardim do Getsêmani, 26:36-46. Como Jesus havia predito, ele não se sentou em um trono em Jerusalém, mas foi crucificado com ladrões à sua direita e à sua esquerda.

Como é chocante contemplar a insensibilidade dos discípulos às prioridades de Jesus. Mas é ainda mais chocante perceber que muitos professos seguidores de Jesus ainda hoje parecem não compreender a natureza da grandeza em seu reino. Agora, Jesus como resgate por muitos, uma teologia da redenção em Mateus.

Ao se entregar como resgate por muitos, Jesus está pagando um preço que os liberta da escravidão do pecado. Compare Marcos 10:45, Lucas 1:68, 2:38, 1 Timóteo 2:6, Tito 2:14, Hebreus 9:12, 1 Pedro 1:18. O conceito de resgate provavelmente se baseia em passagens do Antigo Testamento como Êxodo 30:12, Salmo 49:7-9 e, especialmente, Isaías 53:10-12. Mateus 20:28 lembra 1:21 e antecipa 26:28. Em 1:21, afirma-se que Jesus salvará seu povo de seus pecados. Essa afirmação, um trocadilho com o significado do nome Jesus, indica que o problema de Israel não é sua ocupação por Roma, mas seu pecado contra Deus.

Mas como Jesus libertará seu povo de seus pecados? Pagando um resgate que os libertará da escravidão da alienação de Deus, de acordo com Isaías 20:28. Considerando o contexto em Isaías 53:10-12, a pergunta inquietante de 16:26, o que um homem pode dar em troca de sua alma, e o uso da preposição grega anti, que significa em vez de ou em nome de em 20:28, Mateus de fato ensina que a redenção é vicária. Ela acontece quando Jesus substitui sua própria vida pela de seu povo. Mas quando Jesus pagará esse resgate? De acordo com 26:28, o vinho da Última Ceia foi concebido como um sinal sagrado do sangue de Jesus derramado para a remissão dos pecados de seu povo.

Seu sangue foi derramado em sua crucificação, e claramente foi nesse momento que o resgate foi pago. Agora, passamos para Jesus curando os dois cegos em 20:29-34. Jesus disse aos seus discípulos que eles estavam a caminho de Jerusalém e que ele seria traído e crucificado lá em 20 :17-19. Quando eles deixaram Jericó, Jerusalém estava a apenas 24 quilômetros de distância, e era inevitável que os eventos ameaçadores previstos por Jesus ocorressem em breve. Mas Jesus não conseguia se concentrar em suas próprias preocupações.

Como de costume, ele e os discípulos estão acompanhados por uma grande multidão, mas desta vez sua compaixão é exercida para ajudar dois cegos. Ao primeiro pedido de socorro, a multidão os despreza, mas sua fé é forte, e eles imploram a Jesus repetidas vezes. Jesus acabara de dizer aos seus discípulos que a grandeza no reino se calcula com base no serviço, não no poder.

Ele agora usa seu poder para servir aos cegos, que respondem seguindo-o a caminho de Jerusalém. Agora não há necessidade de ordenar que os cegos se calem, contraste com 8:4 e 9:30, pois a hora de Jesus chegou. Seus clamores ao Filho de Davi logo serão ecoados por outros na aproximação de Jerusalém, mas os líderes religiosos de lá não se juntam ao coro, infelizmente, 21:9, 21:15 e 16.

Agora precisamos discutir brevemente a transição do capítulo 20 para o restante da narrativa em Jerusalém. Mateus 20 começa com a parábola do proprietário e dos trabalhadores, nos capítulos 21 a 16. Como observado no capítulo anterior, esta parábola, a última parte da nossa discussão, é, na verdade, a conclusão da resposta de Jesus à pergunta de Pedro, em 19:27. A frase sinistra: "Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros", coloca a parábola entre parênteses (compare 19:30 e 20:16). Após a parábola, há uma menção significativa a Jerusalém em conexão com a previsão da terceira paixão de Jesus, nos capítulos 20:17 a 19.

Então, a mãe dos filhos de Zebedeu expressa suas ambições para seu filho nos capítulos 20 a 28. O capítulo termina com a cura de dois cegos em Jericó, enquanto Jesus se aproxima cada vez mais de Jerusalém nos capítulos 20:29 a 34. É importante notar que Mateus 20 gira em torno da proximidade de Jesus com Jerusalém e Seu plano de ir para lá.

Sua previsão da paixão torna-se ainda mais dramática devido à proximidade de Jerusalém. Compare passagens como 19:17, 18 e 29, e veja o capítulo 2, versículo 1 e versículo 3, 3:5, 4:25, 5:35, 15:1, 16:21, 21:1 e 10 e 23:37. A mãe dos filhos de Zebedeu faz seu pedido em um momento tardio da carreira terrena de Jesus, e a resposta de Jesus enfatiza que Seu humilde serviço à humanidade envolve Sua morte sacrificial, 20:28. A cura dos três cegos caracteriza sua confissão messiânica de que Jesus é de fato o Filho de Deus. Esta é uma confissão que logo ecoa em Jerusalém na entrada triunfal, assim chamada em 20 versículos 30 e 31, 21:9 e 15.

Tudo isso tende a despertar o interesse do leitor pelos eventos apócrifos que estão prestes a acontecer em Jerusalém. E, à medida que continuamos, chegamos à parte deste evangelho que Mateus vem liderando o tempo todo, o momento em que nosso Senhor vai à grande cidade, a cidade santa, Jerusalém, apenas para ser rejeitado pelos líderes, mas para realizar a redenção do Seu povo e enviá-lo em missão ao mundo.